

A filosofia da educação na visão de TIAGO ADÃO LARA

Arsenio Eduardo Corrêa

Relendo sobre filosofia da educação deparei-me novamente com o livro “A ESCOLA QUE NÃO TIVE...O PROFESSOR QUE NÃO FUI”, logo agora que o nosso autor nos deixou e que com certeza fará falta com sua lucidez sobre o tema.

Este livro de que falo é o da 3ª. edição – 2003 – ed. Cortez Edufu. O texto está dividido em quatro partes, além da dedicatória e Horizontes e Bibliografia, está composto em 246 páginas.

A primeira parte trata da educação, culturas e perspectivas, dividindo-se em: I – Fragilidade e ... educabilidade humanas; II – Cultura e educação; III – Educação e culturas; e, IV – Duas Perspectivas.

Nessa primeira parte destaco que o nosso autor define que: “Educação é produção social do humano”.

Outra abordagem atualíssima é a de que há duas perspectivas filosóficas, a primeira se constitui da visão vinda de Platão e Aristóteles, as págs. 54/55, ele explica com suas palavras: “Qualquer estudante de filosofia, mesmo principiante, já ouviu falar no hiperurânio ou mundo ideal de Platão ou no primeiro motor imóvel de Aristóteles. Segundo esses dois grandes filósofos gregos, o mundo físico, este mundo material em que vivemos, não encontra sua razão de ser em si mesmo. Ele tem suas raízes últimas num mundo transcendente (que ultrapassa o físico) que o explica e o torna viável. Assim para Platão as coisas todas existentes: minerais, vegetais, animais e os próprios seres humanos, que agem na história, são réplicas das idéias de mineral, vegetal, animal, ser humano, que subsistem em si e por si, constituindo uma unidade real (mas não visível; pensável, mas não imaginável) com a idéia suprema, fonte e origem de todas as idéias que é a idéia do sumo bem e da suma beleza.”.Mais a frente às fls. 57, diz nosso autor, referindo-se a outra perspectiva: “É essa situação de fato que, a partir do Renascimento, começou a ser contestada. Novo tipo de cultura e novas propostas pedagógicas começaram a ser viabilizadas e, teoricamente, a metafísica começou a ser contestada, como inviável, sobretudo pelo empirismo inglês e pelo criticismo kantiano. Surgiu novo tipo de saber, para o qual as essências nada significam: o saber científico.”.

Tendo em vista a importância das duas perspectivas nos socorremos da obra de Antonio Paim – A Problemática do Culturalismo – 2ª. ed. Edipucrs – 1995 – para tratar do assunto: às págs. 107, diz o Antonio Paim:

“1 – A perspectiva transcendente:

A – A substância como fundamento do real (Aristóteles)

Até Aristóteles, está ausente da filosofia grega qualquer intenção sistemática. Desde os primeiros pré-socráticos, debatem-se sobretudo problemas. Na medida em que os discutem vai se dando o que Mondolfo denominaria de

aprofundamento da consciência filosófica, isto é, o afunilamento da discussão, a maior precisão conceitual.

Nesse longo e fecundo diálogo, coube a Platão precisar que a inteligibilidade do real estaria na idéia, que depois Aristóteles chamou de causa formal. Na verdade, Platão deveria querer dizer idéia inspiradora, porquanto na sua suposição primeiro aparecem as idéias e somente depois os fenômenos, as coisas animadas e inanimadas, os homens, enfim, os simulacros. Esta suposição aparece com clareza no texto que passou à história com a denominação de “mito da caverna”. Ao proceder à sistematização do debate, Aristóteles dá-se conta de que algum elemento dessa causa formal deve estar presente no fenômeno a fim de que possa ser reconhecida. Chamou-a de essência necessária ou essência primeira ou ainda de substância. A essência necessária é o próprio objeto da ciência (do conhecimento rigoroso, científico ou filosófico).”

Portanto a perspectiva transcendente busca o conhecimento da essência seja das idéias ou do real.

Ás págs. 110, Antonio Paim trata:

2 – A perspectiva transcendental

A perspectiva transcendental foi formulada por Kant, a partir da premissa estabelecida por Hume no que se refere à distinção que cumpre estabelecer entre o nosso discurso acerca do real e as coisas mesmas. Até então essa distinção não havia sido fixada, razão pela qual Kant proclamou que Hume o despertava do “sono dogmático”, isto é, da crença na metafísica de Wolf, elaborada segundo os pressupostos da perspectiva transcendente.”

Para se ter uma idéia da importância dessa descoberta, Wilhelm Windelband(1848/1915) iria afirmar: “A filosofia transcendental de Kant é nos seus resultados, a ciência dos princípios de tudo aquilo que nós hoje reunimos sob o nome de cultura.”

Na segunda parte, Tiago Adão Lara nos traz o “Humanismo e sua malha de constituição”, onde ele fala da produção da riqueza material e o trabalho, a produção dos símbolos e a produção do mundo sócio-político e a constituição dos poderes. Destaca a importância da formação social da pessoa humana para ocupar os espaços sociais.

Na terceira parte, traz: “A aventura humanística do Ocidente”, partindo do momento antigo da cultura ocidental – a cidade-estado grega; o momento medieval da cultura ocidental – a igreja; o momento moderno da cultura ocidental- o Estado liberal e a proposta socialista.

Esse capítulo terceiro é histórico e apresenta o desenvolvimento da educação e da cultura segundo sua visão.

A quarta parte – “A escola que não tive ... o professor que não fui... ; neste capítulo faz um relato de sua experiência fala dos profissionais da educação do ensino aprendizagem e da escola e a consciência cultural.

Apresenta finalizando um item denominado Horizonte, onde aborda o cidadão, eu-corpo democrático, neste item devemos destacar o constante das fls. 234: “No livro oitavo de A república, Platão coloca na boca de Sócrates, dialogando com Gláucon, a seguinte afirmação: “Sabes, então, que é forçoso que haja tantas espécies de homens como de formas de governo? Ou julgas que elas nasceram do

carvalho e da rocha, e não dos costumes civis que arrastam tudo para o lado para que pendem?

É bom recordar que a expressão forma de governo, em Platão, reveste-se de significado bem mais forte do que aquele que, hoje, normalmente lhe damos. Significa a própria estrutura que constitui a totalidade da vida da cidade.

Na linha do que temos refletido até aqui, poderíamos afirmar que, segundo Platão, os produtos mais significativos de tudo aquilo que representa a produção material, institucional e simbólica de uma sociedade são as pessoas que resultam dessa produção, pela mediação dela. O produto mais característico, pois, da indústria brasileira, dando à palavra indústria o significado figurado que registra o Aurélio, de: invenção, astúcia, engenho, são os próprios brasileiros.”.

Eis o que Tiago Adão Lara nos oferece, entender que educação é a produção social do humano, para que ele produzido venha a formar uma sociedade mais equânime e justa.